

CINEMATECA PORTUGUESA–MUSEU DO CINEMA
SESSÃO ESPECIAL – GRAVIDADE ZERO
UMA CONVERSA COM WOODY ALLEN E RICARDO ARAÚJO PEREIRA
14 de setembro de 2023

MANHATTAN / 1979

(*Manhattan*)

um filme de Woody Allen

Realização: Woody Allen / **Argumento:** Woody Allen, Marshall Brickman / **Fotografia:** Gordon Willis / **Música:** George Gershwin, adaptada por Tom Pierson e interpretada pelas orquestras New York Philharmony e Buffalo Philharmonic / **Montagem:** Susan E. Morse / **Direção Artística:** Mel Bourne / **Intérpretes:** Woody Allen (Isaac Davis), Diane Keaton (Mary Wilke), Michael Murphy (Yale), Mariel Hemingway (Tracy), Meryl Streep (Jill), Anne Byrne (Emily), Karen Ludwig (Connie), etc.

Produção: Jack Rollins-Charles H. Joffe, para a United Artists / **Cópia:** DCP , preto e branco, legendagem electrónica em português, 96 minutos / **Estreia Mundial:** Maio de 1979 / **Estreia em Portugal:** S. Jorge, em 17 de Janeiro de 1980.

Com a presença de Woody Allen

É, na generalidade, o mais amado dos filmes de Woody Allen. Se quase toda a sua obra é uma celebração da cidade de Nova Iorque, e de Manhattan em especial, neste filme ela torna-se o próprio motivo e as suas personagens parecem não funcionar senão em função dela, ou, mais concretamente, da ilha que lhe dá o título. Na verdade **Manhatan** reúne dois apaixonados da cidade, o nosso bem conhecido Allen e o seu colaborador Marshall Brickman, no terceiro dos quatro filmes que escreveram juntos e onde Manhattan é mais celebrada que nunca: **Sleeper** (numa cidade do futuro), **Annie Hall**, **Manhattan** e 14 anos mais tarde, em 1993, **Manhattan Murder Mystery**. Mas **Manhattan** está mais próximo de **Annie Hall** formando um díptico com o filme que deu o Oscar aos dois argumentistas (para além do da realização a Allen) e marca o regresso ao tipo de comédia de situação que Allen conhece bem, após a frustrada incursão dramática em **Interiors/Intimidade**.

Manhattan tem um dos começos mais bonitos e sugestivos do cinema americano: uma série de planos da cidade captados num fabuloso e nostálgico preto e branco pela câmara de Gordon Willis e embalado pela *Rhapsody in Blue* de Gershwin. Mas o que poderia ser apenas uma sucessão de vinhetas, é, através do olhar e da escrita de Allen, uma multifacetada manifestação da vida da cidade. Ao mesmo tempo que desfilam as imagens ouve-se, em off a voz de Woody recitando as variações sobre o começo do primeiro capítulo de um livro. As várias tentativas formam uma espécie de falsas partidas de que as imagens vêm mostrar os diferentes olhares sobre a cidade e

as suas várias facetas, cidade de mil rostos que muda conforme quem a olhe, e culminam na cena do fogo de artifício sublinhada pelos acordes finais da composição de Gershwin (aliás a música de Gershwin serve de acompanhamento de todo o filme com a orquestração de algumas melodias bem conhecidas colocadas em momentos estratégicos, como *Our Love Is Here To Stay* na cena de Isaac e Tracy no apartamento, ou *S Wonderful* e *Embraceable You* no início da relação de Isaac com Mary com o passeio pelo campo e a cena de amor no apartamento).

Exposto o espaço nas suas várias facetas, é a vez de entrarem em cena as personagens. Se **Annie Hall** se centrava na personagem feminina de Diane Keaton e era a história de uma educação sentimental, em **Manhattan** não existe personagem deste tipo porque, como já dissemos, quem está no centro de interesse do filme é a cidade. Allen, agora, apresenta-nos as quatro principais logo de chofre, num corte que nos leva para o interior de um restaurante (o conhecido Elaine's): Isaac (a que o próprio Allen dá corpo), a sua nova namorada Tracy (Mariel Hemingway), Yale (Michael Murphy) um escritor amigo, e a mulher deste, Emily (Anne Byrne), num diálogo onde se encontram as preocupações culturais e as obsessões étnicas e sexuais do realizador. Este quarteto aparentemente perfeito à primeira vista, revela-se, logo a seguir, algo desequilibrado. Na conversa que Isaac e Yale tem na rua o segundo revela-lhe a existência de um *affair* com uma intelectual que conhecera. Quando esta, Mary, entra em campo encontramos Diane Keaton num papel que aparece como um prolongamento do de Annie Hall, como se a personagem deste filme aparecesse na vida de Isaac após ter sofrido o processo de transformação porque passa no anterior e a parodiasse com a sua presença de intelectual superficial e neurótica. Para Isaac a entrada em cena de Mary é a forma de se libertar do complexo de culpa da sua relação com Tracy, uma estudante de 17 anos (devido a esta situação o filme chegou a ter problemas com a censura nos EUA que queriam dar-lhe a classificação de "R"), tentando levar esta a tomar a iniciativa do rompimento. Mas Mary tem tantos problemas e indecisões como Annie Hall, incapaz de se fixar num homem e passando de Yale para Isaac e de novo para Yale. Para agravar as angústias existenciais de Isaac, a sua primeira mulher, Jill (Meryl Streep a caminho do estrelato) que o trocara por outra mulher (uma machadada de peso no ego de Isaac!) prepara a publicação de um livro autobiográfico onde conta a sua relação íntima com o ex-marido. De mulher para mulher, de angústia para angústia, o percurso de Isaac leva-o à solidão, destino habitual das suas personagens, uma solidão que as suas lamentações irónicas e auto-irrisão tornariam patética se esta não fosse a condição perfeita para Woody Allen exercer o seu humor. E se **Manhattan** é um regalo para os olhos (as imagens de Manhattan), os ouvidos (a música de Gershwin) é também uma irresistível manifestação de humor, com o autor no melhor da sua forma. O que é também uma maneira de celebrar a cidade.

Manuel Cintra Ferreira

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico